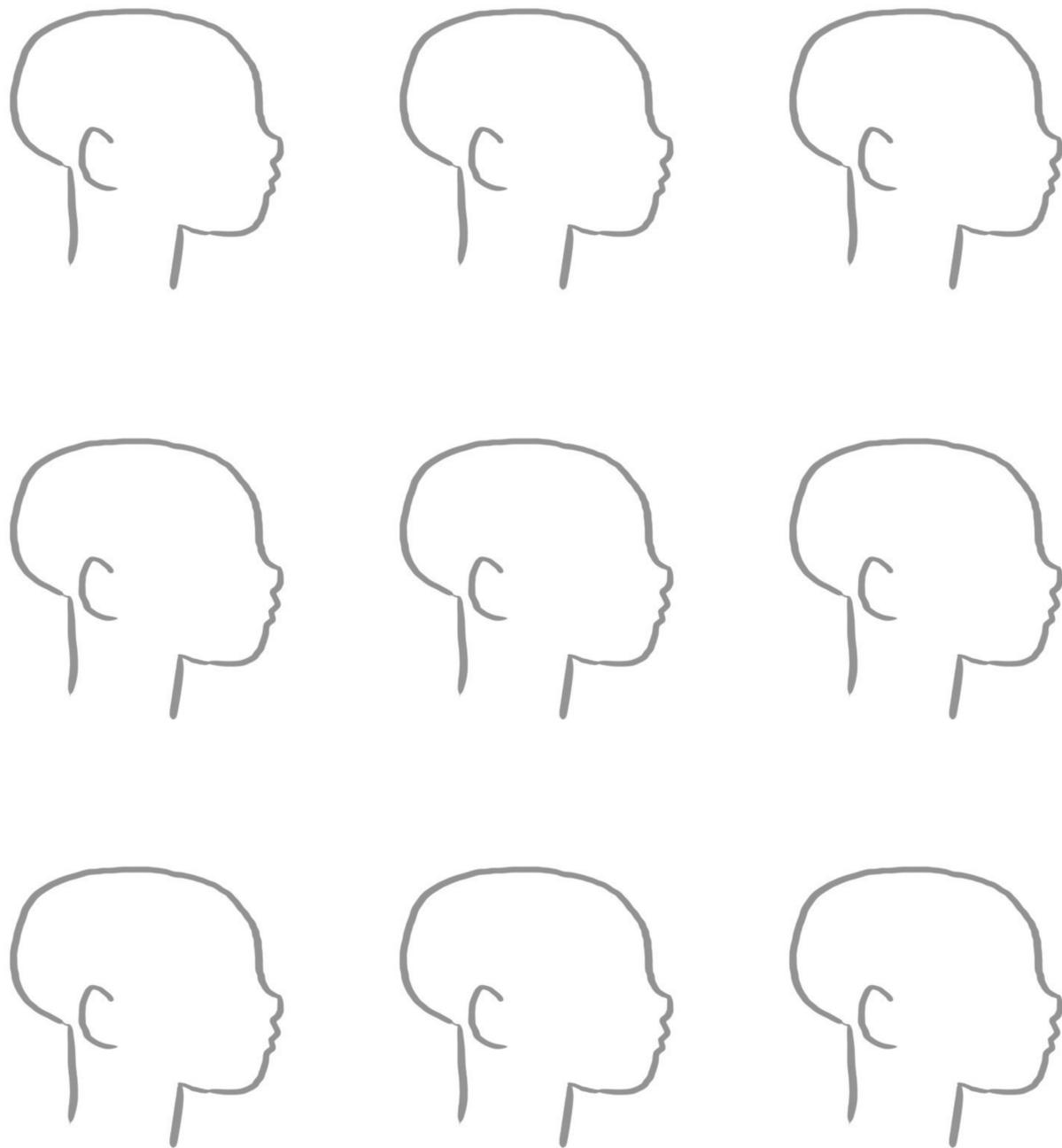


Timeline Capilar

registre as mudanças na sua
cabeça ao decorrer dos anos



Cabeças MUDAM

Como nossas cabeças mudaram com o tempo, né? Parece que foi ontem que deixamos as nossas enterradas em um lugar qualquer do Marrocos – 100 mil, 300 mil anos, vai saber. Cocorutos enterrados contando histórias cada vez mais antigas, até quase se aproximar do momento em que a mente primata precisou de uma caixa maior para expandir.

E porque quisemos passar para o próximo galho na árvore da evolução, nossas cabeças precisaram mudar. Por dentro e por fora.

É da natureza de nossas cabeças mudar; primeiro, porque passam por uma vagina e não conseguiriam sair dali prontas. Não passariam. Cabeças mudam porque crescem, elásticas, até virar uma carapaça dura. Cabeças mudam porque carregam cabelo, que cai, cresce, muda de tamanho e de cor.

Nossas cabeças mudaram quando colocamos as primeiras coroas, variando seu formato e material, mas sempre querendo dizer que equilibrar um enfeite ali em cima era sinal de poder. Colocamos os elmos, para proteger nossas cabeças e a daqueles que carregavam as coroas. Depois as fizemos cair, quando cabeças rolaram para mudar

o mundo como o conhecíamos até então.

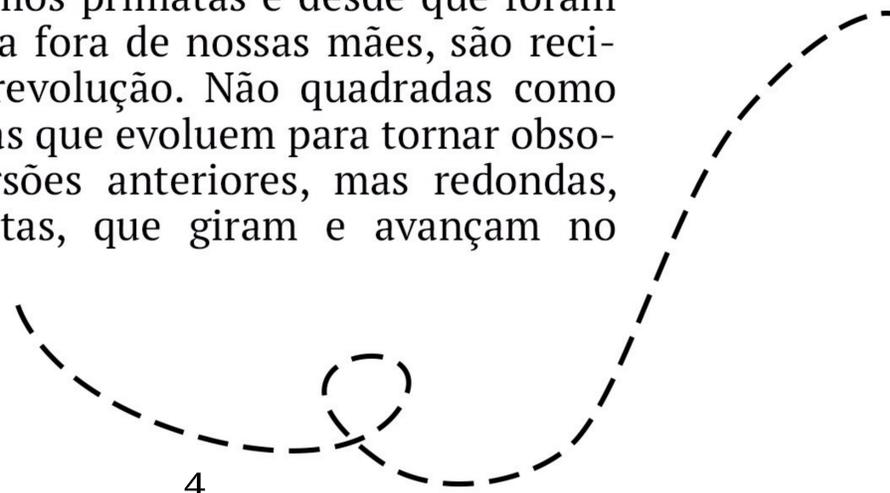
Mudamos as coroas, colocamos chapéus, cartolas, boinas. Tira o chapéu, para mostrar respeito. Põe o turbante ou o véu. O boné, a tiara, o capacete de operário, o capacete de motociclista, a máscara de carnaval, os óculos de sol e de grau.

Deixa o cabelo crescer, corta, muda a cor. Implanta, aplica, trança. Alisa ou enrola. Faz moicano, pinta de verde, raspa, cobre com peruca, prende, solta, escova.

É pela cabeça que primeiro se nota o envelhecer. É a ruga que marca o cantinho do olho, o cabelo branco que brota, o pensamento nostálgico que nos assalta. Porque é nessa caixa no topo do nosso pescoço que também guardamos as memórias – que nos formam – e as ideias – tão mutantes quanto os cortes de cabelo das cantoras pop.

Mudamos os óculos e nossas preferências musicais. Mudamos o estilo de cabelo e nossas crenças. Mudamos de chapéu, de atitude, de brincos e de posição em relação ao mundo. Mudamos de ideia quanto a nós mesmos, deixamos preconceitos para trás, viramos outra pessoa sob o mesmo escalpo.

Nossas cabeças, desde que nos diferenciaram dos primos primatas e desde que foram puxadas para fora de nossas mães, são recipientes de revolução. Não quadradas como chips ou telas que evoluem para tornar obsoletas as versões anteriores, mas redondas, como planetas, que giram e avançam no espaço.



O início da fotografia imitava a pintura: tirar uma foto também era um grande evento, as pessoas vestiam suas melhores roupas e ficavam paradas um bom tempo, já que as câmeras precisavam de um longo período de exposição para a luz se fixar na placa metálica. Convenhamos que não é nada fácil sustentar um sorriso por dez minutos.

O momento da fotografia também era um tanto intimidador. Pense que na época as pessoas não tinham tanta intimidade com a câmera como temos hoje, em que chegamos a carregá-la no bolso para todos os lugares. Era esquisito, incômodo e coisa seríssima.

Mais uma vez o avanço da tecnologia nos permitiu sorrir: por volta de 1860 começaram a aparecer os primeiros sorrisos na fotografia, graças à diminuição do tempo de exposição e, quem sabe, ao fato de as pessoas começarem a perder o medo da câmera.

Nem todo mundo ficava feliz em dizer “xis”. O escritor Mark Twain chegou a dizer: “acho que a fotografia é o mais importante dos documentos, e não há nada mais danoso à posteridade do que um sorriso ridículo e bobo captado e gravado para a eternidade”. Bem, concordo. Essa ideia, no entanto, não vingou.

O sorriso se tornou uma máscara cômoda para vestirmos diante de uma câmera. Nada mais seguro do que sorrir para mostrar aos observadores do presente e do futuro que estamos felizes e bem-sucedidos, como as modelos sorridentes das propagandas e os mocinhos do cinema. No sorriso não aparece a insegurança ou o desconforto que buscamos evitar mesmo em fotos que vão desaparecer do mundo 24 horas depois.

O sorriso pode ter chegado para ficar, mas vai ter que dividir espaço na fotografia com as mais bizarras expressões de personalidade do ser humano. Difícil será os historiadores do futuro explicarem como surgiu a estranha onda de pessoas saindo nas fotos com orelhinhas de cachorro por cima de suas cabeças. O bico de pato, então, será um verdadeiro mistério.

REFERÊNCIAS

1. “The Smile Revolution in Eighteenth Century Paris”. JONES, Colin. Oxford University Press, 2014.
2. “A Brief History of the Smile”. TRUMBLE, Angus. Basic Books, 2005.
3. “Why Some Cultures Frown on Smiling”. KHAZAN, Olga. Artigo no The Atlantic, maio de 2016. theatlantic.com
4. “Why people never smiled in old photos”, vídeo no canal Vox, março de 2016. [youtube.com/vox](https://www.youtube.com/vox)

Somos prisioneiros dentro delas, mas também os seus senhores. Temos o poder de conduzir nosso pensamento por caminhos novos. Fazer escolhas que vão reconfigurar neurônios e expandir esse órgão tão elástico que é o cérebro.

Porque nossas cabeças continuarão mudando mesmo depois de mortas, quando se desmancharem numa derradeira transformação; revelando que por baixo da pele, bochecha e cabelos, fomos o tempo inteiro uma caveira tomando decisões.

No final haverá um crânio; deixemos para ele a missão de se manter intacto por mais 300 mil anos. Até lá, mudemos.



Sua cabeça pede o novo *Eternal Sunshine*®.

Faz brilhar o que tem por fora e desaparecer o que tem por dentro.



Cansada de cabelos tão quebradiços quanto sua alma? Experimente o novo shampoo amnésico *Eternal Sunshine*®. Aplique na sua cabeça para sentir os efeitos imediatos da perda de memória. Você vai se esquecer de quem é, como sua vida se tornou tão miserável e de cada detalhe espinhoso do seu cotidiano. O resultado? Cabelos mais sedosos, sem o estresse de ter que se lembrar que sua existência é uma desgraça. Mentes sem lembranças, cabelos mais brilhantes.



O sorriso era tão pouco comum no século 18 que a pintora Louise Élisabeth Vigée Le Brun causou o maior climão no meio artístico quando resolveu fazer um autorretrato com um sorriso tímido para nossos padrões brasileiros, mas escandaloso para a sociedade da época. Chegaram a comentar que pessoas de bom gosto e amantes da arte deveriam condenar o sorriso com dentes à mostra, sem precedentes na Antiguidade. Mas Vigée Le Brun não pareceu se importar com as críticas. Continuou pintando várias selfies em que aparece marota e sorridente. Beijo, recalcadas do dente sujo.

A partir daí, aconteceu uma curiosa onda de sorrisos nas pinturas. O professor de História Colin Jones relaciona essa mudança na arte com o desenvolvimento técnico e científico. O surgimento da odontologia no século 18, com a ajuda do médico Pierre Fauchard, veio para salvar a saúde bucal dos europeus e dar aquela vontade de ostentar sorrisos Colgate.

Como naquela época todo mundo fazia o que era tendência em Paris, como elaborar Constituições com ideias iluministas, arrumar os dentes também virou um must-have da elite europeia. Depois do advento da escova de dente, sorrir começou a ser visto de forma mais positiva, o que acabou ficando registrado na arte.

Quando a fotografia chegou, no entanto, voltaram as caras sérias. Olhando as primeiras fotos, dá até para pensar que o século 19 foi o mais sem graça de todos, como uma grande segunda-feira que não passa.



1867
(primeiras fotos)

Julia Jackson, mãe de Virginia Wolf, fotografada por Julia Margaret Cameron seríssima

1910
(Mary Pickford e gato)
sorrisos começam a aparecer com mais frequência



2010 -
(era da selfie)
Aí virou bagunça de vez

mais positivo, de gente bem-humorada e de bem com a vida, mas o ato de registrá-lo é bastante recente.

A História da Arte nos mostra que são raras as ocorrências de sorrisos nas pinturas mais antigas. O padrão são pessoas seríssimas, olhar penetrante, pensativas. Claro: ser retratado numa pintura era um grande evento. As pessoas (ricas, claro), colocavam suas melhores roupas, arrumavam o cabelo, se posicionavam num cenário bacana e posavam por HORAS para um pintor. Uma expressão facial neutra era mais fácil de ser sustentada por longos períodos de tempo e mais fácil de ser capturada pelo pincel.

Também havia uma questão estilística em jogo: no Renascimento, os pintores eram influenciados pela estética da Antiguidade Clássica greco-romana, que considerava bocas pequenas mais belas e adequadas. O micro-sorriso da Mona Lisa seguiu bem essa onda.

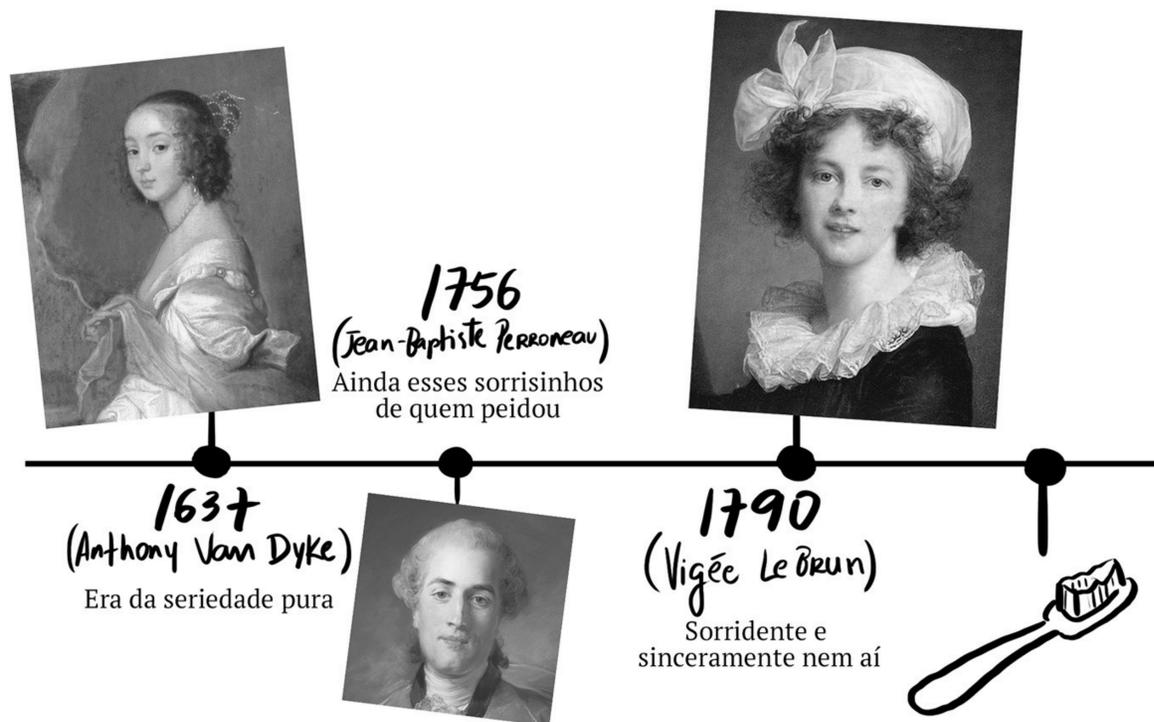
No entanto, o motivo principal para a falta de sorriso em grande parte desses retratos foi o açúcar. Com a ascensão do consumo de açúcar, que vinha das colônias, disseminando-se por toda a Europa, subiu a economia açucareira e caíram os dentes: estudos feitos em arcadas dentárias de esqueletos do século 18 mostram que a galera tinha a boca podre. Pior época para os dentes na história da humanidade.

Chega a ser engraçado pensar que o Brasil, maior exportador de açúcar, teve um dedinho de culpa no fato de nossos colonizadores não sorrirem nos retratos. Chupa essa cana-de-açúcar, gringaiada!



DEMOCRACIA:

jamais alimente após a meia-noite



🌀 O MUSEU DOS SINAIS PERDIDOS 🌀

Gestos, expressões e palavras extintos há séculos.



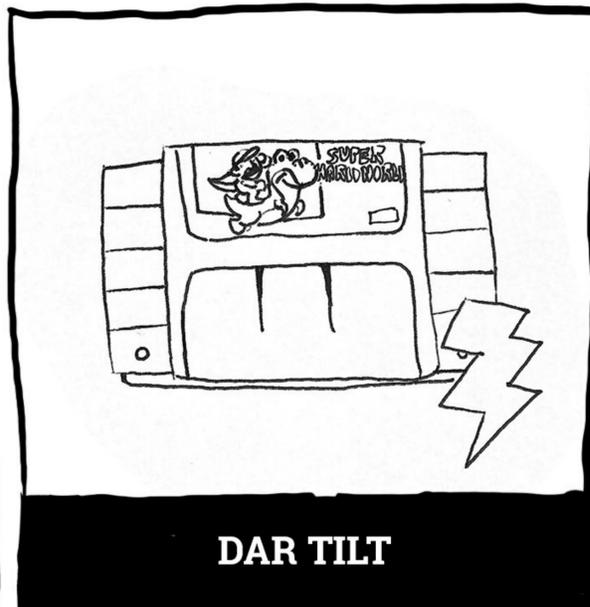
Sim, as pessoas já usaram um aparelho em formato de meia-lua para falarem umas com as outras.



Quando os antigos celulares fixos eram movidos a fichas de metal, essa expressão também significava que alguém entendeu algo com atraso.



Da época em que a informação era armazenada em plataformas bidimensionais. Para acessar a segunda metade da informação, era preciso virar para o lado B.



Um mal funcionamento do dispositivo que exigia, em alguns casos, a estranha simpatia de soprar o aparelho ou balançar a máquina defeituosa.

Poucas coisas me deixam tão acuada quanto me mandarem sorrir. Já não basta apontar essa câmera na minha direção feito uma bazuca e esperar que eu aja naturalmente? Por algum motivo, as expressões faciais que me deixam minimamente confortável diante de uma câmera não são o suficiente para quem está fotografando; não, o maldito ou maldita ainda quer que eu arreganhe os dentes.

Minha resistência ao sorriso vem principalmente da consciência do meu dentucismo. Morria de vergonha de expor os meus dentes fora do padrão e passei a adolescência fugindo das câmeras, por entender que fotografia e sorriso precisavam andar juntos.

Sorrir para alguém que veria minha imagem num futuro distante também me parecia uma postura bem pouco natural. Por que sorrir num momento em que não tenho vontade? Por que congelar o rosto numa posição tão incômoda de manter, especialmente se não vejo nada engraçado que me ajude a sustentar essa cara durante os longos minutos que leva para alguém apertar o raio do botão da câmera?

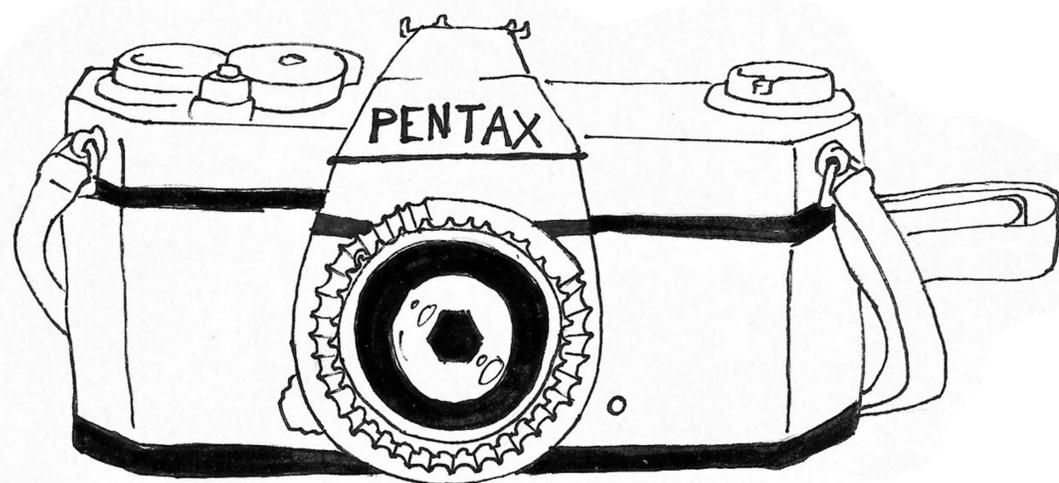
Bem, o sorriso que deixamos estampados em nossas fotos não tem mesmo nada de natural: como a hora do almoço, tomar banho todos os dias e usar signos do zodíaco para justificar aquelas falhazinhas de caráter, sorrir para fotos é um hábito construído socialmente, aprendido e naturalizado.

Antes de entender como isso aconteceu, é preciso começar com o básico: mostrar os dentes nem sempre significa alegria e simpatia.

Muitos animais com dentes costumam mostrá-los como quem diz “sou uma ameaça, não mexe comigo ou lhe meto esse canino na jugular”. Ou você achou que aquele cachorro te mostrando os dentes estava tentando ser simpático? Acho que não. Muitos primatas, como os chimpanzés, usam o sorriso como uma forma de demonstrar medo. E não, por mais que pareça, golfinhos não estão sempre sorrindo. A cara deles é assim mesmo. Fofos.

Mesmo entre os humanos esse gesto carrega significados diversos. Vietnamitas, por exemplo, podem sorrir e até gargalhar quando estão constrangidos, significando “me desculpe”. Em alguns lugares, como na Índia e na Argentina, pessoas muito risonhas são associadas à desonestidade: “hm, carinha de quem vai me passar a perna demais”. Já os russos não são muito de risadinhas: durante a Guerra Fria, pessoas que sorriam muito nas ruas eram consideradas suspeitas, já que russos identificavam o gesto como característica norte-americana.

Na cultura ocidental em geral, o sorriso pode até ter um sentido

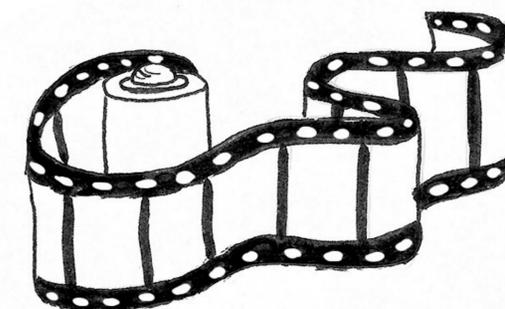


Sônia:



**ESTE GESTO PARA
INDICAR AS HORAS**

Antigamente as pessoas olhavam para o pulso para saber as horas, medidas por ponteiros em um círculo. Era preciso saber a tabuada de 5 para conseguir ler esse aparelho.



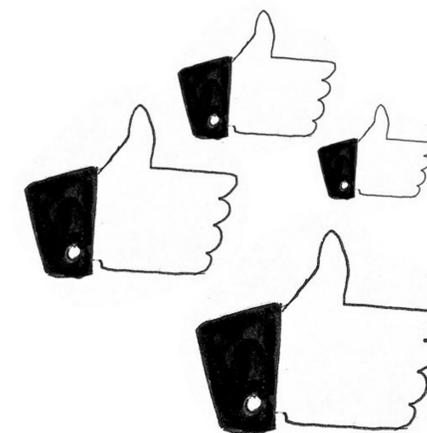
QUEIMAR O FILME

Fotos passavam por um processo químico e o excesso de luz podia destruir a imagem. A expressão também significava fazer algo que podia arruinar sua reputação.

orkut

ORKUTIZAR

Quando algo ficava bastante popular, perdia a graça e acabava. O nome vem de Orkut, rede social popularizada no início do século XXI e que teve exatamente esse destino.



DAR UM LIKE

Forma primitiva de interação virtual. Era por meio de joinhas e corações que as pessoas mediam sua relevância e acreditavam construir relações.

Baleias são poderosas, inteligentes, altamente sociais, sensíveis e dotadas de uma linguagem sofisticada que ainda estamos longe de entender.

Falo “baleias” porque soa mais simpático, mas se eu quisesse ser mais exata, teria que dizer “cetáceos”, para incluir as orcas, por exemplo. É sabido que não são baleias, mas sim do time dos golfinhos; embora todas elas, orcas, golfinhos, cachalotes, jubartes, narvais, azuis & outras sejam parte dessa grande turma dos cetáceos.

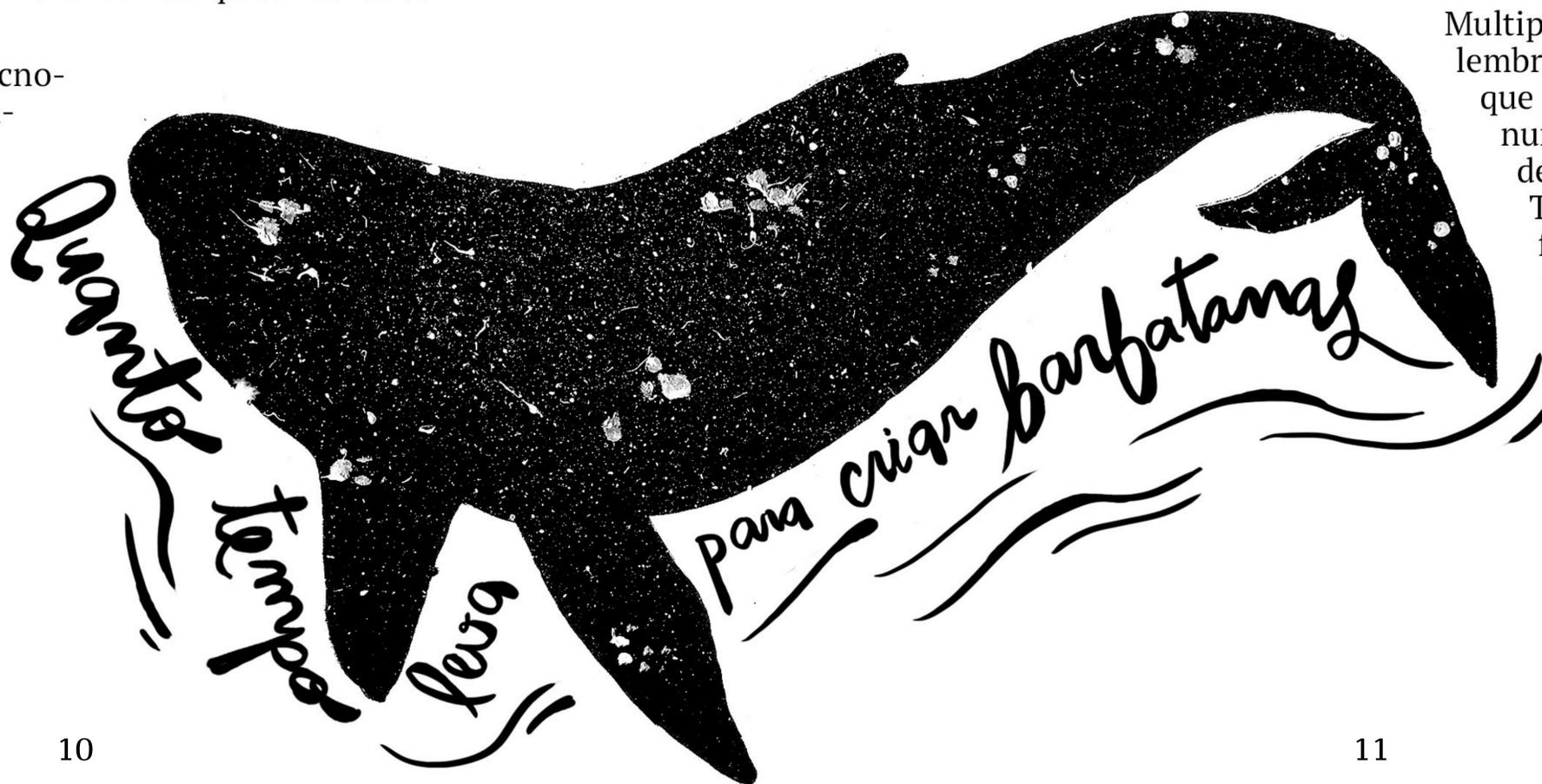
Sendo assim, você sabe quanto tempo levou para as baleias surgirem, assim, da forma que conhecemos hoje?

Imagine que aparecemos, eu e você, numa paisagem de 52 milhões de anos atrás. Está vendo, na beira do rio, aquele bicho que de longe lembra um pequeno cachorro, apesar do focinho comprido demais e da cauda longa? Estamos olhando, na verdade, para o ancestral da baleia.

Tem quatro patas e vive na terra, mas já busca seu alimento na água. Não é um nadador que se diga oh, nossa, que Michael Phelps ele é, mas faz o melhor que pode. Seu corpo não é o mais adequado para essa atividade, mas ou ele entra na água ou morre de fome.

O problema é que a água também está cheia de predadores. Ele precisa mudar e melhorar se não quiser ser devorado.

Usaremos a fantástica tecnologia da imaginação para avançar alguns milhões de anos e ver que todo esse esforço pela sobrevivência transformou pouco a pouco aquele quadrúpede terrestre numa espécie que já passa mais tempo na água. Agora ele tem membranas entre os dedos para ajudar na natação.



Se continuarmos avançando nessa velocidade, veremos um animal que já não se lembra da terra firme, que desenvolveu uma cauda poderosa com um remo na ponta. Trocou as quatro patas por um par de barbatanas.

E o corpo do animal continua mudando, até se transformar, há mais ou menos trinta milhões de anos, em algo mais próximo do que viriam a ser as baleias que hoje aprendemos a amar.

Não sou nenhuma especialista em evolução, o que tornaria qualquer tentativa de explicar esse processo num verdadeiro desastre, e até os verbos que encontro para falar disso (virar, transformar, tornar, surgir) fazem parecer que foi algo mágico e repentino, como Serena virando Sailor Moon, e não um processo de seleção natural que demorou uns bons milhões de anos para acontecer.

Se você reclama que sua semana foi longa, se acha que esse ano não acaba nunca, se você acha que faz muito tempo que sua mãe tinha a sua idade, pense nisso: um MILHÃO de anos. Pense no tempo que isso demora a passar. Agora multiplique esse milhão umas doze vezes para ter ideia do tempo que se demora para um animal de quatro patas se transformar numa baleia.

Multiplique e imagine. E se lembre disso quando achar que algo não vai mudar nunca. Bem, coisas vivas demoram a mudar. Tenha paciência e se esforce. Suas barbatanas vão aparecer um dia.